

Prefácio

Luis Antonio dos Santos Baptista

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BAPTISTA, L.A.S. Prefácio. In: BOSI, M.L.M., PRADO, S.D., And AMPARO-SANTOS, A., comps. *Cidade, corpo e alimentação: aproximações interdisciplinares* [online]. Salvador: EDUFBA, 2019, pp. 21-33. ISBN: 978-65-5630-010-8. <https://doi.org/10.7476/9786556300108.0002>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

PREFÁCIO

Para que serve a cidade?

LUIS ANTONIO DOS SANTOS BAPTISTA



A rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma! Em Benarès ou em Amsterdão, em Londres ou em Buenos Aires, sob os céus mais diversos, nos mais variados climas, a rua é a agasalhadora da miséria. Os desgraçados não se sentem de todo sem o auxílio dos deuses enquanto diante dos seus olhos uma rua abre para outra rua. A rua é o aplauso dos medíocres, dos infelizes, dos miseráveis da arte.

(*A alma encantadora das ruas*, João do Rio).

Os alicerces seguros do pensamento inspiram-se na precisão do projeto urbanístico elaborado por um único arquiteto, afirma René Descartes no *Discurso do método*. A cidade, projetada à luz da razão, impediria a errância da alma. “No quarto fechado, o eu cartesiano se recolhia na

interioridade da dúvida radical e da auto-reflexão para escapar ao engano”. (GAGNEBIN, 1996, p. 242) Para Descartes (1979 apud GAGNEBIN, 1996), nas cidades cuja história exhibe a diversidade das edificações nos estilos e nas diferentes concepções de mundo que as projetou, nas curvas e dimensões desiguais das ruas, o espírito se perderia, só encontraria o intolerável erro. A razão seria aviltada. A topologia urbana na retidão do seu traçado funcionaria como a metáfora correta para o pensamento.

Permanecia o dia inteiro fechado num quarto bem aquecido onde dispunha de todo o vagar para me entreter com os meus pensamentos. Entre eles, um dos primeiros foi que me lembrei de considerar que, amiúde, não há tanta perfeição nas obras compostas de várias peças, e feitas pela mão de diversos mestres, como naquelas em que um só trabalhou. Assim, vê-se que os edifícios empreendidos e concluídos por um só arquiteto costumam ser mais belos e melhor ordenados do que que muitos procuraram reformar, fazendo uso de velhas paredes para outros fins. Assim, essas antigas cidades que, tendo sido no começo pequenos burgos, tornaram-se no correr do tempo grandes centros, são ordinariamente tão mal compassadas, em comparação com essas praças regulares, traçadas por um engenheiro à sua fantasia numa planície, que, embora considerando os seus edifícios cada qual à parte, se encontre neles muitas vezes tanta ou mais arte que nos das outras, todavia, a ver se acham arrançados, aqui um grande, ali um pequeno, e como tornam as curvas e desiguais, dir-se-ia que foi mais o acaso do que a vontade de alguns homens usando de razão que assim os dispôs. (DESCARTES, 1979 apud GAGNEBIN, 1996, p. 246)

No mapa da urbe cartesiana, o acaso, o contingente seria corrigido pelo projeto de um só arquiteto na execução de um modelo atemporal. Misturas de tempos, curvas imprecisas turvariavam horizontes necessários para o encontro da verdade do Eu tutelado pelos alicerces da razão. Impossível perder-se, errar um caminho, uma meta, no traçado das ruas onde sinuosidades faltariam. Da harmonia e da regularidade, a urbe tornar-se-ia bela e funcional. O pensamento localizaria o conforto necessário para o encontro das suas verdades; nada o perturbaria. Imperfeições oriundas das misturas de várias mãos, de diferentes peças e estilos das edificações inexistiriam. Na geometria das ruas, o equilíbrio do espírito

seria efetivado. A cidade harmônica, protegida do inesperado e do caos, teria como meta educar o espírito.

Em Barcelona, assim como em outros lugares no século atual, a cidade também exerce a função de educar. Parques, rios, favelas, *shopping*, praias, escolas e universidades, ruas, entre outros espaços, são convocados à promoção do desenvolvimento pessoal, social e político do cidadão do futuro. O potencial humano de crianças e jovens na *Carta das cidades educadoras*² teria na urbe a chance de desenvolver as qualidades necessárias para o equilíbrio social. Na carta, elaborada em Barcelona, a cidade transforma-se na escola ampliada:

A cidade será educadora quando reconheça, exerça e desenvolva, para além das suas funções tradicionais (econômica, social, política e de prestação de serviços), uma função educadora, isto é, quando assuma uma intencionalidade e responsabilidade cujo objetivo seja a formação, promoção e desenvolvimento de todos os seus habitantes, a começar pelas crianças e pelos jovens. (CARTA DE BARCELONA, 1990 apud VIEIRA, 2012, p. 57)

A escola sem muros apropria-se da paisagem urbana, das instituições, do mobiliário urbano no intuito de formar futuros cidadãos. Deverá estar atenta ao local apropriado para que a potencialidade dos jovens se desenvolva:

O governo municipal deve dotar a cidade de espaços, equipamentos e serviços públicos adequados ao desenvolvimento pessoal, social, moral e cultural de todos os seus habitantes, prestando uma atenção especial à infância e à juventude. (CARTA DE GENOVA, 2004 apud VIEIRA, 2012, p. 60)

2 Segundo Elisa Viera (2012, p. 58), “em 1971 a UNESCO constituiu uma Comissão Internacional para o Desenvolvimento da Educação a fim de estabelecer reflexões e proposições de alcance mundial sobre o tema. Dali surgiu a idéia de uma cidade educativa. [...] A cidade educativa foi um antecedente importante para aquilo que, em 1990, passaria a chamar-se cidade educadora. A primeira versão da Carta das Cidades Educadoras foi escrita em Barcelona, em 1990, pelos representantes das cidades participantes do I Congresso Internacional das Cidades Educadoras. [...] Criou-se em 1994, a Associação Internacional das Cidades Educadoras. Ela fazem parte 434 cidades distribuídas em 35 países, estando na Europa a maior concentração. O Brasil faz-se presente com 14 municípios”.

À semelhança de um grande jardim, a urbe acolhe potencialidades como sementes para que, no futuro, germinem, desenvolvam vigorosas rumo a uma prometida cidadania. Crianças e jovens crescerão como árvores nesta cidade jardim. Das sementes, o futuro já estaria definitivamente decidido. Do urbano, esperam-se apenas cooperação e não interferência. Cenário, solo adubado, a paisagem que acolhe sem interferir são qualidades da cidade que servirão para educar e formar cidadãos na escola sem muros. O que a literatura tem a dizer sobre harmonia, equilíbrio e fecundidade de uma cidade? Para que serve esse assentamento humano?

Cidades revestem-se de inocência, de neutralidade quando propiciam aos homens a promoção de felicidade e de segurança. Inocentes, se restringiriam a apenas ser o assentamento eficaz para suprir necessidades, facilitar a circulação de riquezas, educar e civilizar. Neutras, apartam-se das tramas do poder que as desenham. Na epígrafe desta escrita, o cronista João do Rio subverte estas atribuições: a rua tem alma. O jornalista carioca, longe de definir a alma da rua como a essência da tradição de um lugar, à semelhança da identidade de um logradouro, sugere que a alma da rua diferencia-se das marcas identitárias ou da representação do universo humano. Para o cronista carioca, ela não seria a energia vital da cidade definida como organismo integrado, a parte invisível do corpo da urbe. A alma da rua é inumana, singular.³ Dela, qualidades humanas inexistiriam: “A rua continua matando substantivos, transformando a significação dos termos, impondo aos dicionários as palavras que inventa, criando o calão que é o patrimônio clássico dos léxicos futuros”. (RIO, 1991, p. 4) Ela mata na corrosão inventiva de outras formas de sentir e de viver; destruição perigosa para certa concepção de cidade, a que educa e civiliza. A alma da rua aniquila também adjetivos, tempos e espaços ancorados na harmonia dos universais. Destrói e cria ao afirmar

3 Sobre a corrosão da alma das ruas na obra de João do Rio, Virginia Célia Camilotti (2008, p. 126) argumenta que “adulteradora do léxico clássico e inventora dos léxicos futuros, a rua incide, da mesma forma, sobre tudo aquilo que a percorre, que nela se move ou a habita: valores morais, relações sociais e formas do sentir e do viver. É porque está especialmente interessado nestas corrosões das formas consagradas do sentir e do viver que João do Rio indica a rua como seu motivo principal”.

o campo inesgotável de possibilidades. Em algumas metrópoles, ela se apresenta como mera passagem onde nada ameaçaria a estabilidade das consagradas formas de sentir, de habitar e viver. Aparentemente morta, a rua se exhibe, porém, nos cantos, esquinas, no espaço vazio da sua paisagem algo acontece, ou poderá acontecer a qualquer momento.

Apesar de ser projetada por modelos urbanísticos para suprir necessidades dos cidadãos, a alma da rua é um artefato não restrito aos limites da sua visibilidade. O uso e o desuso dos fazeres cotidianos, as histórias justapostas em suas camadas de cimento, sonhos heterogêneos e tempos díspares que a habitam a tornam irreconhecível para uma localização delimitada pela visibilidade geográfica, militar, psicológica ou antropológica. Até mesmo vazia, desocupada, a rua exhibe a sua alma inumana, laica, material, composta por um coletivo de restos de coisas usadas marcadas por acontecimentos do presente, do ontem, por prenúncios de futuro; coletivo maculado por díspares afetos humanos, ou não. Walter Benjamin (1989, p. 194) o define como inquieto e agitado:

As ruas são a morada do coletivo. O coletivo é um ser eternamente inquieto, eternamente agitado, que, entre os muros dos prédios, vive, experimenta, reconhece e inventa tanto quanto os indivíduos ao abrigo de suas quatro paredes. Para esse ser coletivo, as tabuletas das firmas, brilhantes e esmalgadas, constituem decoração mural tão boa ou melhor que o quadro a óleo no salão do burguês.

Coletivo inquieto, sem forma estável, porém intenso, com modulações variadas. Intensidade não ignorada pelos que lutam entre suas bordas; também não ignorada por agentes da ordem que tentam sufocar essas lutas. Intensidade não despercebida até mesmo para os que circulam, passam indiferentes como se a cidade não existisse; para os que matam quando a alteridade é um estorvo, para os que desprezam qualquer coisa que não seja o eu. Intensidade insufladora de atenção para os caçadores do acaso, para despejados, refugiados, humilhados pelos agentes da ordem, sem atenção, fenecem. Coletivo composto por modulações de intensidades não ignorado pelos que se contagiam ou rejeitam

os seus paradoxos. Força sem adjetivos e substantivos, incitadora de políticas destituídas de protagonistas definidos; força que lega à cidade o sentido de uma incansável arena de embates. Civilizar, educar, aprimorar e conquistar direitos seriam perpassados pela intensidade do inquieto coletivo mantendo-os em constante instabilidade. Metas cívicas, projetos de cidadania seriam inquiridos drasticamente pelos paradoxos que irrompem da urbe viva, desigual e tensa. A alma da rua possui rosto, mas qual? Para que serve a cidade?

João do Rio, ao afirmar a existência da alma estranha aos urbanistas, aproxima-se de Walter Benjamin, avizinha-se do rosto do mundo das coisas, presença intensiva marcante nos jogos infantis descrito pelo filósofo berlinense. Nos jogos dos infantes, crianças:

sentem-se irresistivelmente atraídas pelo resíduo que surge na construção, no trabalho de jardinagem ou doméstico, na costura ou na marcenaria. Em produtos residuais reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e para elas unicamente. (BENJAMIN, 1987, p. 19)

No jogo infantil, o rosto do mundo das coisas alheio às classificações inequívocas dos objetos, às funções do dia a dia, revida, acena para o olhar e insufla a ação. As coisas têm almas singulares que incitam experimentações intermináveis. A rua cujo rosto pertence ao mundo das coisas, apela por jogos, ou lutas, inesgotáveis:

Crianças e artistas se põem a experimentar com o mundo, isto é, a destruí-lo e a reconstruí-lo, porque não o consideram como definitivamente dado. Essas brincadeiras essenciais implicam uma noção de ação política que não visa a transformação do mundo segundo normas prefixadas, mas a partir de exercícios e tentativas nos quais a experiência humana – tanto espiritual e inteligível como sensível e corporal – assume outras formas. (GAGNEBIN, 2014, p. 175)

Na experimentação com o mundo citada por Gagnebin inspirada nas análises de Benjamin sobre a política dos jogos, os materiais desafiam o jogador; resíduos, restos, sobras, coisas insignificantes afirmam suas diferenças colocando em cheque a soberania do Sujeito, ou as suas

naturalizadas qualidades. O mundo das coisas, da radicalidade da empiria, nega ao jogador o conforto do reconhecimento de uma ideia, ou de um enunciado inteligível. A face da cidade poderá, neste jogo político, profanar a paisagem que a limita, desdobrar formas, alertar para perigos de outros lugares, tornar-se um pequeno mundo feito de entrelaçamentos inesgotáveis. Walter Benjamin (1996, p. 26-27) apresenta esta face urbana na literatura dos surrealistas:

No centro desse mundo das coisas está o mais onírico dos seus objetos, a própria cidade de Paris. Mas somente a revolta desvenda inteiramente o rosto surrealista (ruas desertas, em que a decisão é ditada por apitos e tiros). E nenhum rosto é tão surrealista quanto o rosto verdadeiro de uma cidade. [...] Também a Paris dos surrealistas é um 'pequeno mundo'. Ou seja, no grande, no cosmos, as coisas têm o mesmo aspecto. Também ali existem encruzilhadas, nas quais sinais fantasmagóricos cintilam através do tráfico; também ali se inscrevem na ordem do dia inconcebíveis analogias e acontecimentos entrecruzados.

Espelho dos mistérios da alma, revelação das agruras e virtudes do humano para o autoconhecimento, arte necessária para a compreensão das relações sociais e do mundo são funções da literatura comumente utilizadas nas Ciências Humanas. Salvação, desvendamento da realidade, crescimento espiritual a qualificam aproximando-a do reino do sagrado. Na obra de Walter Benjamin, esta missão é preterida. Certa literatura esquivar-se-ia de salvar, representar ou ilustrar fatos ou realidades. Da poesia de Charles Baudelaire, dos romances do movimento surrealista, da obra de Kafka, de Marcel Proust, ela interfere drasticamente em suas análises sobre as relações entre cultura e capitalismo; na elaboração das teses sobre a história, assim como na presença do fascismo nos pequenos atos, objetos e cenas do cotidiano. Para Benjamin (1996, p. 225), “nunca houve um monumento de cultura que não fosse também um monumento de barbárie”. Assertiva fulminante para os que delegam à arte, à cultura, o reino da salvação ou da inocência.

A literatura não seria mais um instrumento de acréscimo, uma interferência que manteria ileso seu equipamento teórico, mas de

interpelação aos conceitos e teorias utilizados em seus estudos referentes à modernidade e ao nascimento do nacional socialismo alemão. Para o filósofo berlinense esta modalidade de arte assemelhar-se-ia ao uso das citações em sua obra: “citações em meu trabalho são salteadores no caminho, que irrompem armados e roubam ao passante a convicção”. (BENJAMIN, 1987, p. 61) As obras literárias utilizadas por Benjamin o aturdiram, roubaram convicções sedimentadas, impelindo-o a estranhar o que antes lhe servia de horizonte. Da poesia, assim como da prosa poética de Charles Baudelaire, as relações entre cultura e capitalismo têm na cidade de Paris o assalto às suas convicções. A urbe dos surrealistas irrompe como salteadores no seu caminho furtando-o das certezas das reflexões tradicionais sobre a metrópole do capitalismo. A cidade, via literatura, insuflou a criação do peculiar marxismo do filósofo alemão. Benjamin aponta para sonhos, fantasmagorias do modo de produção capitalista, para a barbárie do fascismo a perpassar projetos arquitetônicos, brinquedos, ruas, limiães e fronteiras urbanas, denotando a cultura o lugar de assujeitamento e de enfrentamento de intermináveis lutas políticas. Para que serve a cidade quando certa literatura transtorna seus limites?

Lâmina cortante produtora de cesuras, artefato para dissecar, arma de combate, instrumento eficiente para criar fissuras, são qualidades e funções possíveis de uma cidade. O poeta Sebastião Uchoa Leite, no poema “Tempus Fugit N.1”, denota a urbe com esses atributos; no poema, ela se diferencia do palco neutro das relações sociais, ou o cenário para luzes e sombras de um soberano Humano. A cidade dilacera a compacidade do Sujeito, perturba a nitidez de uma paisagem. Corte, despedaçamento, aberturas de sulcos em superfícies humanas, ou inumanas, expressariam funções perigosas para ideias desejosas de permanecerem estáveis e ilesas. Risco mortal para o pensamento necessitado de proteção e conforto; o pensar refratário a contágios e desestabilizações. A urbe desenhada pela imagem do utensílio dilacerador interrompe a eficiência de lógicas universais a tutelar o cidadão; inquire racionalidades por meio de cesuras na continuidade de uma análise.

Provoca mudanças de caminhos, multiplica atalhos, encruzilhadas, desvios no trajeto ideal para o alcance de uma verdade. A urbe esquiva-se de ser o bálsamo das agruras de uma utopia fracassada; nela inexisteria consolo ou solução definitiva para um fracasso, ou o júbilo pela vitória da realização de uma utopia. Tensões insolúveis a ocupam na criação de inesgotáveis paradoxos. Nada perdura conclusivamente. A cidade como lâmina fria decepa a solidez de valores ou a clareza de horizontes. Cortante, fragmenta totalidades inquestionáveis: uma rua, um muro, o lixo sobre a calçada, um rosto, o gesto silencioso, a alegria de um corpo, o cadáver inerte, uma parede, um grito poderão implodir a conclusão de uma análise ou de uma sentença. À semelhança de uma lâmina, a cidade é habitada por histórias fragmentadas produzida por forças que desafia a racionalidade dos cálculos. Forças, segundo Michel de Certeau (1998, p. 189-191), que irrompem das inesperadas invenções do cotidiano:

Os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar, mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo. [...] A infância que determina as práticas do espaço desenvolve a seguir os seus efeitos, prolifera, inunda os espaços privados e públicos, desfaz as suas superfícies legíveis e cria na cidade planejada uma cidade 'metafórica' ou em deslocamento, tal como a sonhava Kandinsky: 'uma enorme cidade construída segundo todas as regras da arquitetura e de repente sacudida por uma força que desafia os cálculos'.

A cidade feliz, ou infeliz, não teria sentido de existir quando encarna a função de uma navalha afiada, ou do quebra-cabeça indicado por Certeau, a espera do desdobramento de narrativas. Paisagens, ícones de um lugar, perdem a clareza de suas bordas, a nitidez para o reconhecimento identitário. A urbe cortante está sempre insuflando prováveis montagens de histórias e de formas de luta; montagem feita dos restos de sonhos deixados pela metade do caminho, de cenas banais, ou não, do cotidiano. Realização temporária, porque dos paradoxos produzidos pelas cesuras da urbe a eternidade dos símbolos, dos horizontes

fracassam; segundo Kandinsky, sacudidos “por uma força que desafia os cálculos”. Para que serviria uma cidade?

O poeta Sebastião Uchoa Leite (1988, p. 2) define a cidade como “lâmina fria cortando cômodas suposições. Uma lâmina curva que decepa a sóbria reta que se traçou na ponte”.⁴ Para o poeta pernambucano, o olhar protegido apartado do mundo neutralizaria o cortante poder da urbe: “Aqui deste alto pavimento, isolado do real vivido e dividido pelas folhas de vidro e aço, vê-se a ponte em perspectiva”. (LEITE, 1988, p. 2) Do alto, a previsibilidade do percebido permaneceria intacta, a nitidez da paisagem confortaria o Sujeito que a contempla. Porém, lá fora, no solo, “a sóbria reta que se traçou na ponte”, a totalidade da paisagem, da harmonia do real é decepada pela cidade. Na rua, à luz de Walter Benjamin (2004, p. 14), uma batalha é anunciada:

A força com que uma estrada no campo se nos impõe é muito, consoante ela seja percorrida a pé ou sobrevoada de. [...] Só quem percorre a estrada a pé sente o seu poder e o modo como ela, a cada curva, faz saltar do terreno plano (que para o aviador é apenas a extensão da planície) objetos distantes, clareiras, perspectivas, como a voz do comandante que faz avançar soldados na frente de batalha.

A urbe oferece uma tensão insolúvel, ensejada pela “máquina humana viva, a mecânica da vida concreta”, da qual sóbrias ideias, projetos são produzidos, testados e destruídos infinitamente. À semelhança de uma navalha, de uma faca afiada, a cidade cria e dilacera sem tréguas, como uma máquina, como um artefato. Fora da fronteira delimitada por “folhas de vidro e aço”, nada se mantém intacto. A cidade, proposta por Uchoa, tem no cotidiano o fio cortante da maquinaria inacabada e imprevisível da vida concreta; o concreto onde efetiva-se a radicalidade

4 Segue o poema “Tempus Fugit N.1”:
“Aqui deste alto pavimento, isolado do real vivido e dividido pelas folhas de vidro e aço, vê-se a ponte em perspectiva. Não se vê o dragão nem a donzela daquele cenário de Ucello nem a Ville Blanche de Vieira da Silva, reflexos compostos em abstração, mas a máquina humana viva, a mecânica da vida concreta. O outro lado não é previsível: a cidade é uma lâmina fria cortando cômodas suposições. Uma lâmina curva que decepa a sóbria reta que se traçou na ponte. Matemática do passeio, composição do livre arbítrio, adeus! As traças devoram os livros de estampas góticas ou modernas”. (LEITE, 1988, p. 2)

desacomodadora da empiria. Desprotegido das paredes de vidro e aço, o olho que tudo alcança, o Sujeito artífice das sóbrias perspectivas, a paisagem irretocável correm o risco de ferir-se mortalmente no chão da urbe. Para que serve a cidade?

Manuel Bandeira, na contramão das “sóbrias perspectivas” do olhar confinado às fronteiras de vidro e aço, reacende a “máquina humana viva, a mecânica da vida concreta” no poema “O beco”: “Que importa a paisagem, a Glória, a baía, a linha do horizonte? – O que vejo é o beco”. O poeta, desviando-se da cidade espetáculo, da paisagem que não revida o olhar, elege o lugar cortante do Beco da Lapa, no Rio de Janeiro, onde se entrelaçam histórias de vidas infames. Local de lutas e fracassos de trabalhadores, de misturas desarmonicas, espaço sujo de mundo opondo-se à imaculada paisagem da cidade cenário. Imagens emblemáticas do Rio de Janeiro cartão postal não lhe contagiam, não o deslocam de lugar; são imagens demarcadas por horizontes precisos confortáveis para quem as vislumbra. Do Beco sem saída, a estreita passagem prenuncia histórias imprevisíveis, vozes dissonantes passíveis de cortar como uma navalha a conclusão de uma análise. Algo poderá acontecer no Beco. Não só a natureza imóvel como cenário é desinteressada pelo poeta, mas a pobreza como paisagem. Próxima ao interesse do poeta afirma Vera da Silva Telles (apud WALTZ, 2007, p. 62):

Nessas formas de encenação pública, a pobreza é transformada em paisagem que lembra a todos o atraso do país, atraso que haverá de ser, algum dia, absorvido pelas forças civilizatórias do progresso. Paisagem que rememora as origens e que projeta no futuro as possibilidades de sua redenção, a pobreza não se atualiza como presente, ou melhor, na imagem do atraso, aparece como sinal de ausência.

A pobreza tornada paisagem, emoldurada como natureza morta, como “sinal de ausência”, não afetaria, ou deslocaria de lugar, quem a contempla. Do Beco, compaixão e generosidade não atraíram o poeta. Bandeira retira da moldura trabalhadores, malandros, miseráveis, infames. Refuta a carência que os enfraquece impedindo-os de interrogar o presente, de inquirir o tempo que lhes nega intensidade. A pobreza

como paisagem impediria ao poeta o contágio desnorteante com a alteridade, nada aconteceria, somente a encenação pública de histórias definitivamente encerradas.

Manuel Bandeira, no conciso poema, recusa eleger os excluídos como heróis urbanos, personagens sacralizados em suas misérias. O desejo do poeta seria o de profanar a paisagem deificada pela natureza; almeja, dessa profanação, intensificar a vida tensa e inconclusa da cidade feita de cortes, passagens, entrelaçamentos de histórias sem fim. O Beco mostra-se como uma lâmina fria, cortante, ao recusar o olhar do Sujeito hermeneuta que contempla suas sombras e luzes projetadas no mundo. Na rua estreita da Lapa, tensões insolúveis revidam o olhar à procura de conclusões às tramas urbanas. Revidam o olhar como o fio de uma navalha tornando o Rio de Janeiro estranho aos limites das suas bordas. Do Beco, a cidade se fragmenta, multiplica-se, desdobra-se incansavelmente. Para que serve a cidade?

A cidade não serve para nada, quando verdades do Sujeito e do mundo recusam-se a perder a estabilidade dos seus sentidos. Não serve para nada quando do alto de um prédio, como alerta Sebastião Uchoa Leite, ou de um aeroplano, segundo Benjamin, o olhar é indiferente ao lugar indeterminado, sem pouso fixo dos modos fascistas de existir. Barbárie, nem sempre visível, que se espraia pela urbe enfraquecendo a força do corte de uma navalha.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, M. *Libertinagem & Estrela da Manhã*. Nanterre: Allca XX, 1998.

BENJAMIN, W. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras Escolhidas, v. 3).

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1996. (Obras escolhidas, v. 1).

BENJAMIN, W. *Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Obras escolhidas, v. 2).

BENJAMIN, W. *Rua de sentido único*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

- CAMILOTTI, V. C. *João do Rio: idéias sem lugar*. Uberlândia: EDUFU, 2008.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- GAGNEBIN, J. M. *Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin*. São Paulo: Editora 34, 2014.
- GAGNEBIN, J. M. Posfácio. In: ARAGON, L. *O camponês de Paris*. Tradução de Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- GAGNEBIN, J. M. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- LEITE, S. U. *Obras em dobras*. São Paulo: Duas Cidades, 1988.
- RIO, J. *A Alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1991.
- VIEIRA, E. *A cidade e o governo dos homens: sobre o lastro educacional da urbanidade contemporânea*. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- WALTY, I. L. Anonimato e resistência em *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato. In: HARRISON, M. (org.). *Uma cidade em camadas: ensaios sobre o romance Eles eram muitos cavalos de Luiz Ruffato*. São Paulo: Horizonte, 2007.